



Colecção Obscuro Domínio

JOSÉ CARLOS COSTA MARQUES  
**UMA VOZ ENTRE VOZES**

**POESIA**

Prefácio de  
**ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO**

Ilustrações de  
**JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO e LUÍS FRANÇA MACHADO**

 Edições  
Afrontamento

## O LIVRO DOS 35 POEMAS

### Prefácio de António Cândido Franco

Há três pontos que me impressionaram na leitura deste livro de José Carlos Costa Marques – cujo processo de remate final, um acidente que de si toma consciência no momento em que o trigésimo terceiro poema acaba de ser escrito, a 1 de Junho de 2013, é ele já uma surpresa e larga, pois não é hoje vulgar uma homenagem tão exaltante e tão dedicada a um poeta que pôs termo à vida aos 35 anos, Francisco António Lahmeyer Flores Bugalho (1933-1968), que assinou Cristovam Pavia, cujo único livro, *35 Poemas* (1959), primeiríssimo para o autor deste volume, está hoje quase de todo esquecido entre os da poesia, mau grado lhe pertencer um dos mais instantes avisos do nosso tempo, *só há saída pelo fundo*.

É por isso que este livro, que vai buscar na aparência para título uma interlocução de Aurélio Porto, *Não tens uma voz? Tens várias!*, talvez na tentativa de justificar um registo que é múltiplo, se não ocasional, me parece ter por título mais autêntico aquele que encima este meu texto. Pela devoção, pela homenagem poética gratuita, pela marca pessoal e até pela forma como estes poemas nasceram numerados entre Outubro de 2010 e Junho de 2013, gosto de lhe chamar, com a verdade secreta dos sonhos, nem sempre coincidente com a manifestação formal de superfície, *O livro dos 35 poemas*.

O primeiro ponto que fundamente me tocou na leitura deste volume de poemas, obrigando-me a alguma retracção, foi a epígrafe de Louis-Ferdinand Destouches, que assinou Céline, «Todos os pensamentos vão dar à morte», no poema décimo quinto, que pouco ou nada esperaria encontrar numa esquina deste livro, dedicado, é verdade, a um suicida, mas um suicida discreto, cheio de delicadezas intimistas e que parece passar os luminosos versos dos seus poemas a pedir desculpa do seu acto brutal. O universo poético de Cristovam Pavia nada tem a ver com o mundo sórdido e sujo de quem escreveu *Mort à crédit*, *Voyage au bout de la nuit* e mais ainda os panfletos anti-semitas da década de 30.

Não creio que o universo pessoal do autor deste livro, também ele mais puro do que corrompido, mais sonhador do que pessimista, tenha muito mais a ver com o de Céline. Então por que motivo uma tão estratégica citação no início do

poema décimo quinto, num livro que é afinal muito parco nelas? Por certo pelo impressionante peso que a morte nele tem, a começar pela sombra maior daquele que se suicidou em Outubro de 1968, em Belém, debaixo do rodado dum comboio e que acaba por ser, por causa daquela declaração inicial do autor, «Um Livro de 35 poemas – homenagem a Cristovam Pavia», a rosa votiva, o motivo unificador de todo ele.

Mas a presença da morte neste livro de José Carlos Costa Marques não se conta apenas por esse fantasma frio que nele desde início acena – até porque a morte de Cristovam Pavia, como já se disse, tem escusas, em primeiro lugar a dos versos seus, que lhe roubam parte do horror. A presença da morte neste livro é muito mais cruel e acompanha-nos de forma muito mais entranhada, logo até nesse poema décimo quinto que parece uma glosa muito eficaz de como é impossível fugir à frase de Céline. Pensar é falar da morte; não pensar é esperar por ela – ficando por saber qual das duas é mais dolorosa. No mesmo sentido vai a espantosa meditação inicial do poema vigésimo sexto, esse declaradamente sobre uma amiga querida que acabou de morrer, Amélia Pinto Pais, onde num decassílabo se deitam contas aos dias, *um dia a cada dia um dia mais próximo*. Mais próximo de quê? Da grande e feroz foz, onde desaguam todos os rios tumultuosos dos nossos dias, essas águas letais e finais que, por uma hipóstase nunca havida e sempre esperada, são as únicas que permanecem e se alimentam eternamente de si.

Para quem vive um tão magro horizonte, sempre a pressentir o perecimento que lhe guilhotinará o fio da vida, nada há de mais estranho e contraditório do que a condição da morte, que tem por natureza própria não murchar. Se entidade há que não morre é a morte. Ela aí está, indelével, viva, activa, sempre igual, desde o início incomensurável do tempo. Curiosa pois a meditação do poema vigésimo nono, dedicado à memória dum outro desaparecido próximo, Gaspar Barbosa, que fantasma do outro mundo toma voz para nos saudar, a nós leitores, chamando-nos à consciência do instante que foge, que é também *a alegria suprema de estarmos vivos na carne* como diz o primeiro verso do nono poema. O que é admirável nesta fala, além do eco satânico dos infernos glaciais que repercutem hialinos neste lado opaco do mundo, e nos vidram de assombro, é a familiaridade que o poeta mostra com esse mundo gelado do além, como se também ele, à imagem do que sucedeu ao grande Florentino, tivesse tido a possibilidade única do trânsito e do recurso entre os dois espaços, que para qualquer um de nós são irremediavelmente duas margens sem ligação entre si. *Não existe ponte*, desengana-nos porém o poeta no epicédio a Amélia Pinto Pais, o mesmo que no poema vigésimo quinto repete, com obscuro desespero, a palavra *trevas*. Talvez em todo este livro nenhum outro passo seja tão ameaçador como esta repetição, que parece fazer jus ao derradeiro verso do livro de Cristovam Pavia, já citado, de que *só há saída pelo fundo*.

O segundo ponto que me impressionou fundo nestes poemas, com recorrência constante, foi a presença da infância, tantas e tantas vezes, da forma mais inusi-

tada, surgida e ressurgida neles em corpo de aparição sensível. Dir-se-á que um livro colocado sob o estro de Cristovam Pavia não podia de modo nenhum furtar-se ao encanto da infância. Assim é, posto que a luz pura e intacta que brilha nos poemas de Pavia, e logo naquele que serve de pórtico ao livro de 1959, não seja a mesma que aqui nos surge, sempre filtrada por um presente que nos ajuda a dar ao passado uma aura de paraíso perdido, que por si só não teria. Veja-se nesse sentido o poema décimo primeiro, que relata um passeio pelas ruas sujas da cidade do Porto, rua dos Bragas e rua de Vilar, em que a visão do presente, *cinco casas de dois andares enfileiradas*, não coincide em nada nem com o passado nem com a recordação dele, que se torna assim *a recordação do que nunca existiu*, um passado idealizado em absoluto pela imaginação do presente e que só no plano ideal deste foi ou é vivido. Muito diferente parece ser a situação estável do sujeito de Cristovam Pavia, que tem diante de si todas as portas do passado escancaradas, bastando-lhe, como lhe basta nesse tocante segundo poema do livro de 1959, «Fim de Dia», um dos mais notáveis do poeta, a *pesagem da azeitona* para a infância ficar ali ao alcance do espírito e da mão, com todos os antigos poderes reconquistados ou restituídos.

Mesmo num poema de recorte proustiano, como é o vigésimo terceiro, em que de *repente a infância* vem a *cavalo num aroma logo volatilizado*, não se sabe se o que regressa é o passado ou tão-só o presente. O presente? Sim, ele mesmo, já que hoje o presente anda mais perdido, ou escondido, do que outrora o passado onde estava o paraíso. O presente, num mundo que perdeu espessura e se virtualizou, é hoje mais longínquo do que o passado tal como o passado material o conheceu. Se em Pavia a infância implica uma morte e uma ressurreição, a ponto de podermos dizer que as *paisagens que amámos* estão eternamente dentro de nós, ora esquecidas, ora ressurgidas, neste poema a infância tem um preço alto, a rasura do mundo. Para haver infância só resta hoje a possibilidade de traduzir uma cor, agora apagada e virtual, por um aroma ainda real, que é também o derradeiro, o da combustão da matéria, associada ou não ao *fogo libertador* dum novo Prometeu em que fala o poema décimo sexto, com remissão final para o *Protágoras* de Platão.

Por aqui chegamos ao terceiro ponto que me tocou neste livro. Falo da presença da natureza não humana nestes poemas. É talvez aqui, neste ponto, que se toca a experiência indizível e intransmissível desta poesia. Quer a morte, quer a infância, tão solidárias afinal entre si como o princípio e o fim o podem ser, são ainda formas históricas e humanas de nos situarmos. O mesmo se diria da arte, se de arte este livro dissesse, o que só em parte é verdade. Em seu lugar este livro fala dos direitos de expressão duma natureza não humana, por aí encontrando, quer por contraste com a civilização, quer por apagamento dela, o seu território mais sideral e exaltante. Em contraste com a civilização temos as *escavadoras em ferrugem* do poema décimo sétimo, que parece saído dum cenário pavoroso de ficção científica, com as *girafas gigantes* que *roem e dilaceram* o planalto. De passagem, saúde-se

neste poema a sofredora *sombra de Pascoaes sob mandíbulas soterrada* e que mostra como o destino dum poeta, no momento em que é revisitado por outro poeta, é sempre solidário, e até ao final dos tempos se preciso for, com a paisagem que amou. A mesma visão sinistra e horrorosa encontra-se no poema anterior, aliás dedicado às vítimas de dois grandes desastres tecnológicos, com uma humanidade técnica que se encara a si mesma com a grandeza fáustica das grandes realizações e que não passa aos olhos do poeta duma fila de trágicos insectos insensatos, que um vento forte basta para desbaratar e esmagar. Nenhuma grandeza pois, a não ser a da destruição, nesta civilização, que bem pode ser lida, no vislumbre de Roberto das Neves, como sifilização.

Mas o poema que mais me toca em todo este terceiro conjunto, e que de resto é o poema para mim mais notável de todo o livro, é o poema sétimo, que começa por estabelecer o dilema da arte e da terra, da acção transformadora do homem e da presença intocável da natureza, para acabar por tomar posição por uma natureza não transformada, intocada, que tem uma sabedoria própria, um equilíbrio interno, uma linha íntima de desenvolvimento que não deve ser perturbada. Esse poema merece ser ligado à bela glosa de Emerson, dedicada a António Salvado, no poema trigésimo segundo, em que se encontra todo um programa – *repor a luz/ recuperar as raízes secas/ buscar saída ao labirinto/ através do fio que desdobra a luz intensa* – para o homem, que se torna assim, sem desejar inscrever nenhuma marca especial na paisagem, um adjuvante da terra. Neste caso, que tem de *primitivista* a marca dum não marca, a saída parece estar no *fio que desdobra a luz intensa*, quer dizer, no alto, e não no fundo, nas trevas, na morte, como Cristovam Pavia indicou e José Carlos Costa Marques parece noutros pontos do seu livro corroborar.

Bastam estes últimos poemas para nos situarmos numa esfera inconsútil da poesia a que só as grandes experiências da palavra poética nos conduzem. É possível que estes três pontos que me tocaram neste livro de José Carlos Costa Marques pouco ou nada digam sobre a experiência crucial que este volume encerra. Nesse caso leia o leitor sem outras indicações que as da sua leitura e perceba como eu percebi, de forma nua, sem necessitar de prefácios explicativos, que *toda a arte não é mais do que terra* e que foi preciso a arte primitiva dum poeta autêntico para o dizer.

25 de Janeiro de 2015



**título**

Uma Voz Entre Vozes

**autor**

José Carlos Costa Marques ©

**ilustração da capa**

© José Maria França Machado

**ilustrações do interior**

© José Maria França Machado e © Luís França

**edição**

Edições Afrontamento, Lda.  
Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto  
www.edicoesafrontamento.pt  
comercial@edicoesafrontamento.pt

**coleção**

Obscuro Domínio n.º 12

**n.º edição**

1791

**ISBN**

978-972-36-1563-0

**depósito legal**

425727/17

**impressão e acabamento**

Rainho & Neves, Lda.  
Santa Maria da Feira  
geral@rainhoeneves.pt

Maio de 2018